“Uma Demônia Desafiadora ”: Critica Social e Visão Política de Ann Nocenti no Mainstream de Histórias em Quadrinhos Estadunidenses

“A Defiant Demon”: Ann Nocenti’s Social Criticism and Political Vision in Mainstream American Comics

“Un demonio desafiante”: la crítica social y la visión política de Ann Nocenti en el cómic estadounidense convencional

Savio Queiroz Lima[1]

Resumo: O trabalho dá continuidade à atenção às presenças femininas nas produções de histórias em quadrinhos no mainstream do mercado estadunidense na passagem do milênio. A presente exposição toma a biografia e posturas políticas da escritora e jornalista feminista Ann Nocenti como alicerces constituintes de relação de atuação e construção representativa das mulheres na História do campo midiático das histórias em quadrinhos. A indústria cultural de entretenimento das histórias em quadrinhos apresenta, na contribuição ativista e intelectual de Nocenti, divulgações de debates socais e políticos de uma escritora mulher em meio majoritariamente masculino. Suas narrativas refletem as suas formações intelectuais e suas posturas político-ideológicas na Comunicação e no Jornalismo, ofertando uma oportunidade analítica condizente com a História das Mulheres. Através das análises de representações, discursos e performances presentes nas narrativas que produziu, são eficientes as abordagens crítico-analíticas dos Estudos de Gênero, Estudos Literários, História da Mídia, além de outros. História Política e Biografia/História de Vida, são atravessadas pela proposta feminina/feminista na Indústria Cultural das histórias em quadrinhos.

Palavras-Chave: História das Mulheres, Histórias em Quadrinhos, Ann Nocenti, Crítica Feminista, gênero.

Abstract: This work continues to focus on the presence of women in comic book productions in the mainstream of the American market at the turn of the millennium. This exhibition takes the biography and political stances of feminist writer and journalist Ann Nocenti as the foundations for the relationship of women's performance and representative construction in the History of the media field of comic books. The cultural entertainment industry of comic books presents, in Nocenti's activist and intellectual contribution, the dissemination of social and political debates by a female writer in a predominantly male environment. Her narratives reflect her intellectual background and her political-ideological stances in Communication and Journalism, offering an analytical opportunity consistent with the History

[1] *Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), sob orientação da profa. Dra. Mary DelPriore. Membro do Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero –ANPUH-BA(GT-Gênero-ANPUH-BA). Membro do Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo(LETHAM). Membro da Red Internacional Multidisciplinar en Estudios de Género(RIMEG) das Universidad Nacional de Cuyo (Argentina), Universidade Federal de Bahia (UFBA) e Universidad de Sevilla (Sevilla, España). Membro do Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História(MITECHIS). Autor do livro Mulher Maravilha para Presidente! –História, Feminismos e Mitologia nas Histórias em Quadrinhos, lançado em 2019. E-mail: savio_roz@yahoo.com.br.*

of Women. Through the analysis of representations, discourses and performances present in the narratives she produced, the critical-analytical approaches of Gender Studies, Literary Studies, Media History, among others, are efficient. Political History and Biography/Life Story are crossed by the feminine/feminist proposal in the Cultural Industry of comic books.

Keywords: Women's History, Comics, Ann Nocenti, Feminist Criticism, gender

Resumen: Este trabajo continúa centrándose en la presencia de las mujeres en la producción de cómics en el mercado estadounidense dominante a finales del milenio. Esta exposición toma la biografía y las posturas políticas de la escritora y periodista feminista Ann Nocenti como fundamento de la relación entre la actuación femenina y la construcción representativa en la historia del cómic. La industria del entretenimiento cultural del cómic presenta, en la contribución activista e intelectual de Nocenti, la difusión de debates sociales y políticos por parte de una escritora en un entorno predominantemente masculino. Sus narrativas reflejan su formación intelectual y sus posturas político-ideológicas en Comunicación y Periodismo, ofreciendo una oportunidad analítica coherente con la Historia de las Mujeres. A través del análisis de las representaciones, discursos y performances presentes en las narrativas que produjo, los enfoques crítico-analíticos de los Estudios de Género, los Estudios Literarios y la Historia de los Medios, entre otros, resultan eficaces. La Historia Política y la Biografía/Historia de Vida se cruzan con la propuesta femenina/feminista en la Industria Cultural del Cómic.

Palabras clave: Historia de las mujeres, Cómics, Ann Nocenti, Crítica feminista, género

Introdução

Há uma História das Mulheres, carregada de possibilidades exploradoras, que rompe as páginas das histórias em quadrinhos. Mas longe de ser uma fuga de personagens e super-heroínas da ficção, é o vislumbre de artistas e autoras que penetraram e ocuparam o mercado hegemonicamente transitado por homens e com seus alicerces visuais e textuais recheados de masculinidades. Nesta constelação, a latência luminosa da roteirista Ann Nocenti se faz pulsar de forma singular por suas posturas políticas.

A historicidade da participação de mulheres na indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos fornece diagnósticos interessantes. Primeiro enquanto proposição de visibilidade de mulheres na qualidade de sujeitos históricos reconhecíveis, e depois nas oportunidades de entender os processos históricos de rupturas e continuidades no que diz respeito à gênero. Seguindo a vida profissional, sem perder de vista os alicerces de que seu pessoal é político (Savio Queiroz LIMA, 2019, p. 128-129), esta investigação busca biografar criticamente mulheres no *mainstream* das histórias em quadrinhos estadunidenses, neste pretendido recorte, Ann Nocenti.

Tais biografias e expressões críticas da realidade através da ficção de super-heróis são fundamentais para compreender o mercado e seu contexto histórico. Por ser uma existência feminina, conforta-se no lugar de uma História das Mulheres, mas sem perder de vista como tal

experiência é demarcada pelas reminiscências da condição interpretativa e analítica de gênero. A produção intelectual de Ann Nocenti é evidentemente constituída de crítica progressista, dentre elas, a Crítica Feminista. A própria historicidade da mídia é alicerçada nas vivências e experiências de pessoas, por onde uma militância reparadora pretende projetar atenção àquelas pertencentes ao marcador social de gênero, com a nossa sujeita histórica, Ann Nocenti.

O trabalho faz parte de uma proposta conectiva de estudos biográficos de autoras politizadas e engajadas no mercado de histórias em quadrinhos. Ele segue o pretendido projeto iniciado no artigo *Mulheres nos Refrigeradores: Protagonismo de Gail Simone no Mainstream de Histórias em Quadrinhos Estadunidenses*, publicado no número 2 do volume 3 da revista *Anômalas* do segundo semestre de 2023, servindo-se deste como modelo estrutural para o presente exercício historiográfico. Sua intenção é de continuísmo, provocado pelo convite aberto na experimentação prévia, mas buscando conectar temáticas mais pertinentes à pessoa biografada e os seus conjuntos de expressões ideológicas.

A mulher, a mídia e a História se entrelaçam em campos de conhecimento, abordagens temáticas e condições teórico-metodológicas. Há uma priorização analítica às questões que envolvem História das Mulheres, Gênero e Feminismo, por obviedades que atravessam a existência de Ann Nocenti. Entretanto, como parte de seu repertório político ativista, se fazem presentes as suas narrativas ficcionais que valorizaram debates sobre Direitos dos Animais e Alcoolismo. Todo este conjunto atende, criteriosamente, ao interesse de escrutínio da Crítica Social e Visão Política de Ann Nocenti.

Ann Nocenti: A Mulher e a Mídia – Relações Demolidoras

Ainda que diminuto, o lugar que as mulheres ocupam na indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos é significativo. É evidente, em toda e qualquer abordagem historiográfica e biográfica, que "há uma disparidade participativa de autoras e artistas mulheres no mercado de histórias em quadrinhos estadunidense" (LIMA, 2023, p. 55). Sua presença e resistência nos sintomatiza sobre as relações entre gênero e poder na contemporaneidade, no mercado de trabalho e na produção artística de entretenimento, enquanto um processo histórico mensurável.

O recorte biográfico se faz interessante, articulando a biografia política com a micro-história, enquanto teoria narrativa, à historiografia das histórias em quadrinhos. O campo biográfico retorna para a historiografia, como biografia histórica pelo nível significativo do

sujeito histórico: "quanto menos ele se situar entre os protagonistas da história, mais o ensinamento tem chance de ser rico" (LEVILLAIN, 2006, p. 175). Questões de fontes e de métodos aqui se fazem presente, ainda que dentro de suas propostas diligentes de visibilizar a autora. O modo de construir a interpretação da realidade, da personagem histórica, é dado pelo conceito de micro-história, que "é o retorno da tradicional história das idéias (sic)" (GINZBURG, 2006, p. 24), onde os alicerces mentais e as estruturas culturais são dialógicos.

Uma autora intelectual, trabalhadora da feitura de narrativas de ficção, nos fornece na narrativa de sua vida e na produção de suas ideias o seu contexto histórico. De tantas profissionais mulheres que participaram, na segunda metade do século XX, do *mainstream* do mercado de histórias em quadrinhos, Ann Nocenti tem o destaque da multifuncionalidade e adaptabilidade. Trabalhou para as duas grandes editoras estadunidenses, a Marvel Comics e a DC Comics, respectivamente, a partir da década de 1980, passando por assistência editorial, cargo de editora e função de escritora, interagindo com diversos profissionais da mídia.

Focando mais diretamente a relação entre experiência de vida e produção artística e intelectual, vemos conexões entre campos teóricos e instrumental metodológico. O novo rumo do trato biográfico (LEVILLAIN, 2006, p. 173) é condizente com as abordagens críticas de marcadores sociais, como gênero. Sua evocação, por condições próprias e evidentes da existência social de Ann Nocenti, é de uma História das Mulheres. Partindo do nascimento ocidental e norte global da *História das Mulheres* no epicentro do século XX (PERROT, 2005, p. 15), faz-se sólida conquista política a produção de narrativas historiográficas onde a *epistemologia feminista* (SARDENBERG, 2002, p. 97) se faça presente, potencializando sua intenção.

Herdando um cenário social e político de atuação com maior disponibilidade de trabalho para mulheres em diversos mercados, Nocenti tornou-se autora de histórias em quadrinhos. A artista, editora e roteirista, está inserida em um contexto histórico da indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos, principalmente no *hall* de mulheres (LIMA, 2023, p. 56), onde é valorizada a autoria, a personalidade, onde muitos leitores podem seguir linhas gerais de gosto por autores (e, neste ponto, autoras), da importância dos criadores (e novamente, das criadoras), como a própria Ann Nocenti (WOLK, 2023, p. 52).

Acompanhemos a sua trajetória desde sua inserção no mundo do lazer e entretenimento comerciais das histórias em quadrinhos estadunidenses. Através de um anúncio no final de uma edição do jornal *The Village Voice*, periódico nova-iorquino independente, Nocenti conseguiu

um emprego como assistente editorial na editora Marvel Comics[2]. Foi um período, para a editora, de mudanças, não apenas de endereço, estava deixando a Madison Avenue e indo para a Park Avenue South, mas, também, de sua equipe, outrora feita por fãs que se profissionalizavam e agora era de pessoas mais jovens e de formações variadas, como a Ann Nocenti com experiência prévia com livros infantis (HOWE, 2013, p. 265). O editor Dennis O´Neil ofereceu o roteiro de uma história curta para a revista *Bizarre Adventures*, número 32, em agosto de 1982, onde Ann Nocenti produziu de forma bastante experimental a história *The Streak*.

Durante sua estreia no mercado editorial estadunidense de histórias em quadrinhos, a categoria de gênero pode ter sido decisória. O conceito de *Gênero*, esse saber a respeito das diferenças sexuais socialmente organizadas (SCOTT, 1994, p. 12-13), produtor de uma História Social Analítica das categorias das disparidades baseadas no sexo (TILLY, 1994, p. 59-60), onde discursos constituintes, sistemas de significações e codificações simbólicas próprias o constroem (VARIKAS, 1994, p. 79). Ser uma mulher fez Ann Nocenti ter condições de atuações e impedimentos. O sentido de ser mulher mudou historicamente, produzindo a experiência de ser mulher como temporalmente, culturalmente e socialmente elaborada (NICHOLSON, p. 27).

As condições atribuídas a seu gênero, mesmo diante de todo confronto e conquista política dos movimentos feministas, guiaram Nocenti a escrever uma personagem feminina. Trata-se de sua participação mais regular na série mensal da Mulher-Aranha, em dezembro de 1982, oferecida por Mark Gruenwald, editor, objetivando uma perspectiva feminina, com a condição de matar a personagem no final do período de quatro edições (HOWE, 2013, p. 272).

[2] *De acordo com seu próprio relato, escrito em sua página profissional, no tópico Comics, disponível em: https://www.annienocenti.com/. O relato aparece, também, em sua entrevista para o site Sequencial Tart, revista online sobre histórias em quadrinhos com foco na perspectiva feminina-feminista, publicada em 12 de novembro de 2007, cedida para a editora chefe, Katherine Keller, disponível em: http://www.sequentialtart.com/article.php?id=737. Outros detalhes podem ser vistos na entrevista que cedeu ao site Man Without Fear, de outubro de 1998, e que pode ser acessada em: https://www.manwithoutfear.com/interviews/ddINTERVIEW.shtml?id=Nocenti#google_vignette.*

Com certo desprendimento, sem apegos como fã ou leitora do tipo de produto, Nocenti escreveu os roteiros das edições de número 47 a 50 da revista *Spider-Woman*, entre dezembro de 1982 e junho de 1983, bimestralmente. A resposta do público, de tristeza e perplexidade, produziu em Nocenti a consciência de que aqueles personagens-produtos tinham uma espécie de vida e suas narrativas eram mais significativas[3].

Na primeira metade da década de 1980, Nocenti transitou entre os cargos-funções de assistente de edição, editora de séries e reimpressões, até chegar à escritora de fato. Em 1984 Ann Nocenti tornou-se editora da revista *X-men* (WOLK, 2023, p.191) e seus derivados. Havia uma vontade de ruptura com o antigo modelo, tradicional, pois Nocenti queria uma editora Marvel mais contemporânea, atualizada, por isso dava mais liberdades aos artistas, como Bill Sienkiewicz, na produção de capas mais audaciosas para as revistas, como as dos Novos Mutantes (HOWE, 2013, p. 293). A função de editora dos X-men nos anos de 1980 a fez ter contato com nomes como John Byrne e Chris Claremont (TUCKER, 2018, p. 122). Divergências criativas colocaram Nocenti em situações sensíveis com a equipe artística da franquia dos X-men, como na desrespeitosa insubordinação de Claremont (HOWE, 2013, p. 304).

Pertinente e enriquecedora a sua experiência como assistente de edição e propriamente editora, mas é na função de autora que evidencia a sua expressividade. Compreendeu o mercado, as dinâmicas pessoais e as disputas editoriais principalmente entre as décadas de 1980 e 1990 (TUCKER, 2018, p. 156 e 186). A formação no campo da comunicação e do jornalismo foram cruciais para a solidificação de sua carreira no mercado de entretenimento das histórias em quadrinhos, e Nocenti soube explorar tal bagagem nas construções de suas narrativas ficcionais. Como roteirista, Nocenti revela muito mais a sua visão de mundo[4], desde a

[3] *Isso pode ser lido, em suas próprias falas, na entrevista que cedeu a Dan Johnson para a sessão Flashback da edição de número 17 da revista-magazine Back Issue!, de agosto de 2006. Na matéria de título Marvel´s Dark Angels: Back Issue Gets in Spider-Woman´s Web, Nocenti afirma que foi escolhida para dar uma perspectiva feminina, como dito, mas que a experiência na área lhe enriqueceu de um apego aos personagens e de uma consciência de seu poder afetivo junto ao público, pode ser lido entre as páginas 61 e 62 da supracitada edição.*

[4] *Que ela mesma assume, conscientemente, na entrevista ao site Man Without Fear, já mencionado.*

metalinguagem usada para tratar do entretenimento midiático, até pautas pontuais, como alcoolismo, ecologia, direitos dos animais, feminismos, dentre outras.

A criatividade esteve conectada com a criticidade nas alegóricas translações representativas e discursivas de Ann Nocenti. A autora escreveu as 6 edições da minissérie mensal *Longshot*, com arte de Arthur Adams e Whilce Portacio, introduzindo o personagem homônimo do título em setembro de 1985 (BREVOORT, 2008, p. 222; GOIDANICH, KLEINERT, 2011, p. 347). O herói, sem memória e dotado de uma sorte sobrenatural, andrógino[5], inaugurou uma mitologia própria dentro do universo ficcional da editora Marvel: o que ficou chamado depois de Mojoverso. O nome é derivado do vilão, Mojo, que aparece na terceira edição da minissérie *Longshot*[6], como ditador de uma realidade alternativa, que ganha força através do consumo de entretenimento por uma audiência acrítica.

A criação de Nocenti, principalmente o vilão Mojo, é carregada de metáforas, demonstrando seu senso crítico sobre mídia, recepção e sensacionalismo. O medonho antagonista de Longshot, Mojo, é um grotesco homem obeso sem pernas, preso a uma cadeira robótica com pernas articuladas semelhante a uma aranha, que tem seu corpo, principalmente a cabeça, ligados a fios tecnológicos. Seus olhos são eternamente abertos, com suas pálpebras presas em grampos. Controla, através de um canal televisivo, o Mojo TV, para uma audiência aficionada do Mundo Mojo (DOUGALL, 2008, p. 219). Metaforizando as dinâmicas morais da comunicação e do jornalismo, por conta do curso de mestrado na Columbia's School for International Affairs (Escola de Relações Públicas e Internacionais da Universidade de Columbia), Nocenti reproduziu as leituras críticas que teve com autores como Marshall McLuhan, Ed Hermann, e, entre tantos outros, Noam Chomsky[7].

---

[5] *Essa fragilização do padrão masculino é assumida na entrevista para o Sequencial Tart, já mencionada em nota.*

[6] *A revista Longshot de número 3, foi originalmente publicada em novembro de 1985, nos Estados Unidos, mas, no Brasil, saiu na edição de número 80 da revista Superaventuras Marvel, pela editora Abril, em 1989.*

[7] *Conforme entrevista para o Sequencial Tart.*

Os temas de manipulação da audiência e da opinião pública, bem como o sensacionalismo e recepção passiva, são caros à revista *Longshot* e seu vilão. Nocenti se mostrou dedicada leitora do filósofo e sociólogo Noam Chomsky, intelectual bastante crítico dos maneirismos apelativos de dramaticidade emotiva e passionalidade narrativa na mídia sensacionalista, principalmente em seu livro *A Manipulação Do Público: Política e Poder Econômico no Uso Da Mídia*[8]. Mojo sintoniza-se como alegoria de entretenimento para uma crítica à cobertura da revista *New York Times* produzida para a revista política *Lies of Our Times*, na década de 1990, que Nocenti e Chomsky participaram[9].

Nocenti também presenteou a editora com uma criação que conquistou proeminência entre os personagens-produtos da Marvel. Na edição de número 270 da revista *Daredevil*, em setembro de 1989, ainda em parceria com o artista John Romita Jr, Ann Nocenti apresenta o filho do demônio Mefisto, chamado *Blackheart* (BREVOORT, 2008, p. 242; DOUGALL, 2008, p. 212), no Brasil, Coração Negro. Nocenti retoma sua criação no curto arco entre as edições de número 278 a 281 da revista *Daredevil*, no que a própria autora considerou levar o super-herói Demolidor a um reino mítico, longe do urbanismo de Nova York[10].

Mas a memória da indústria, a recepção de seus discursos, estão nas narrativas que produziu para as revistas de histórias em quadrinhos do super-herói Demolidor. Ann Nocenti escreveu roteiros para Demolidor, em 1986, depois de longa fase do personagem-produto, com o célebre arco *A Queda de Mordock*, escrito por Frank Miller e com arte de David Mazzucchelli (GOIDANICH, KLEINERT, 2011, p. 347). O editor da revista *Daredevil*, Ralph Macchio,

---

[8] Há um considerável debate publicado no texto Mojo, Noam Chomsky e a Opinião Pública!, onde audiência, sensacionalismo e opinião pública, em 10 de novembro de 2017, no Blog SavioRoz, disponível em: https://savioroz.wordpress.com/2017/11/10/mojo-noam-chomsky-e-a-opiniao-publica/.

[9] Conforme entrevista para o Sequencial Tart.

[10] Conforme entrevista para o Man Without Fear.

convocou Nocenti a assumir o título depois da saída de Miller[11]. Na edição de número 236 da revista *Daredevil*[12], Nocenti demonstrou eficiente continuidade com a narrativa madura, crítica e violenta de Miller, fazendo com o antagonista Jack Hazzard o que o seu antecessor fez com o *Nuke* (Bazuca): crítica ao militarismo masculinista conservador-reacionário em voga na cultura política *reaganite* (JOHNSTON, 2013, p. 98).

Com o tempo mais aplicado, Nocenti encontrou sua própria voz narrativa para a ficção, legando mais uma fase memorável para o Demolidor. Em 1988, Nocenti deixa o posto de editora para se dedicar com mais exclusividade à função de roteirista, sendo substituída, junto com o editor Larry Hama, pelos então editores Bob Harras, Bobbie Chase e Terry Kavanagh (BREVOORT, 2008, p. 236). Neste contexto, "uma escritora assumindo um protagonista masculino em uma história em quadrinhos convencional era raro de se ver" (HAGAN, 2019, p. 2)[13]. Foi nesta fase que Ann Nocenti escreveu os roteiros da revista *Daredevil* de forma continuada e autônoma, inserindo propostas de críticas sociais ainda mais incisivas. Foi um período longo, para as temporalidades de autores com seus produtos, que Ann Nocenti dividiu com John Romita Jr e Al Williamson, entre 1988 e 1990 (WOLK, 2023, p. 67).

Convém pormenorizar representações e discursos que fundamentem a leitura interpretativa de transmissões das críticas sociais em Nocenti. Em maio de 1988, na edição de número 254 da revista *Daredevil*[14], Nocenti introduz uma de suas criações mais significativas na mitologia do Demolidor, a confusa e perigosa Typhoid Mary (BREVOORT, 2008, p. 237; GOIDANICH, KLEINERT, 2011, p. 347). Na narrativa ficcional, a vilã[15] sofreu traumas de

[11] *Conforme entrevista para o Sequencial Tart.*

[12] *Publicada no Brasil na edição de número 70 da revista Superaventuras Marvel, publicada pela editora Abril em abril de 1988 com o título de Sonho Americano. A própria Nocenti comenta, na entrevista cedida ao site Man Without Fear que o título é um convite crítico em sua relação de "amor e ódio" ao país.*

[13] *Tradução própria do trecho: "a female writer taking on a male protagonist in a mainstream comic book was rare to spot".*

[14] *Revista publicada no Brasil na edição de número 86 da revista mensal Superaventuras Marvel, pela editora Abril em agosto de 1989.*

[15] *Que faz uma referência direta e homônima com a histórica Typhoid Mary, a irlandesa Mary Mallon que ganhou notoriedade por ser portadora assintomática da bacteriana febre tifoide, midiatizada pelos tabloides de forma alarmista e sensacionalista, isolada do convívio social compulsoriamente por 26 anos. Uma pesquisa de comparação*

infância que lhe desenvolveram um Transtorno Dissociativo de Identidade (DOUGALL, 2008, p. 343), gerando três personalidades distintas: Mary Walker (neurotípica e tímida); Typhoid Mary (impulsiva e lasciva); Bloody Mary (sádica e cruel). Obviamente é uma apropriação vulgar do TDI, mas que descreve arquétipos femininos. A costura representativa, de tipologias femininas diferentes, foi um processo que Nocenti considerou divertido[16], e a personagem atua como um exercício de inversão de papéis de gênero através das performances transgressoras (HAGAN, 2019, p. 9).

Um tema social também ficou evidente na construção crítica narrativa de Nocenti em sua passagem pela série mensal *Daredevil*. Na história *A Beer with the Devil*, publicada na edição de número 266 da revista *Daredevil*, em maio de 1989[17], Nocenti produz um conto de Natal sobre culpa, traição e alcoolismo, através de alegorias onde a embriaguez do Demolidor causa uma catastrófica omissão e sofrimentos diversos. A narrativa se centra em um bar, onde o herói está bebendo e cercado de outros clientes com seus dramas pessoais, e a sedução à apatia, o egoísmo, ao mal: na figura demoníaca do vilão Mefisto. Disfarçado de mulher, o demônio tentou desviar a alma e a índole do protagonista, Demolidor, sem sucesso.

Outras personagens femininas ganharam vozes e identidades no arco de histórias em quadrinhos de roteiros e argumentos assinados por Ann Nocenti em *Daredevil*. Em uma história livre, na edição de número 277 da revista *Daredevil*, somos apresentados a Vivian, afetada por psicose com alucinações lidas como visionárias, mas muitas delas representadas como sintomas físicos dos abusos psicológicos do marido superprotetor. Quando Matt Murdock, o Demolidor, pergunta para Vivian se ela está bem, ela responde: "Sim, mas é claro. Oh, eu não sei. Talvez

e associação, elaborada para formato acessível e público, pode ser lida em: https://savioroz.wordpress.com/2020/04/07/as-duas-mary-typhoid-estigmas-das-enfermas/.

[16] Conforme entrevista para o Sequencial Tart. Na entrevista cedida para o site Man Without Fear, já mencionada em nota, Nocenti comenta sua intenção de romper com estereótipos femininos estanques.

[17] No Brasil, a história chamada Bebendo com o Demônio, foi publicada na edição de número 115 da revista mensal Superaventuras Marvel, pela editora Abril, em janeiro de 1992.

não"[18]. Violência doméstica e psicológica de gênero (AUAD, 2003, p. 81; TIBURI, 2018, p. 105-110; HOOKS, 2019, p. 95-101) e saúde mental são entrelaçadas em uma interseção manifestada na ficção de Nocenti, através do campo metafórico.

No processo de escrita continuada da série periódica mensal do Demolidor, Nocenti inseriu em seu arco duas mulheres que são acompanhadas pelo protagonista. São duas singulares personagens femininas que expressam a criticidade política na narrativa de Ann Nocenti: Brandy Ash e Número 9. Ambas surgem na edição de número 271 da revista *Daredevil* em outubro de 1989[19]. A primeira delas, Brandy, é proativa ativista de direitos civis, direitos dos animais[20] e feminismo. A segunda, Número 9, é vítima de modificações genéticas e lavagem cerebral que a transformam numa "mulher ideal", branca e loira, subserviente à masculinidade. Há uma tensão envolvendo padrões de feminilidades conflitantes nas duas personagens, que respondem aos humores da política de gênero do período, considerando "o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade" (SCOTT, 1995, p. 72).

O arco supracitado é, também, onde se encontra a inserção do debate sobre indústria alimentícia e direitos dos animais. Nas três primeiras páginas da revista *Daredevil* número 271, são acusados, em uma conversa entre dois personagens, os agressivos procedimentos a que animais de abate são submetidos para que suas carnes fiquem no aspecto estético desejável ao glamour de classes mais altas, interpretação de sofisticação. Isso demonstra uma amplitude e intercruzamento de temas pertencentes às dinâmicas e ideologias progressistas do período estadunidense de forte conservadorismo-reacionarismo nos anos de 1980, no governo Ronald Reagan.

---

[18] Tradução própria do trecho: "Yes, of course. Oh, I don´t know. Maybe not". Penúltimo quadro da página 16 da edição de número 277 da revista Daredevil.

[19] Saiu na edição de número 124 da revista Superaventuras Marvel, no mercado brasileiro, pela editora Abril, em outubro de 1992.

[20] Que a própria personagem assume entre as páginas 17 e 18 da edição de número 271 de Daredevil, já citada.

Alguns discursos são transcrições do debate social público para a ficção argumentativa, apresentando a criticidade de Nocenti. A Número 9 é cuidadosa, atenciosa, vaidosa com a aparência, habilitada para a cozinha e outras atividades domésticas, ainda que com cômicas imperfeições, apresenta quase que de forma robótica[21] as "qualidades" ditas de uma "mulher perfeita" ao patriarcado, significativamente vestida com um *collant* com a bandeira dos Estados Unidos estampada. Na página 4 da edição de número 273 da revista *Daredevil*[22], Brandy questiona a submissão feminina de Número 9, dizendo: "Porque você é uma vergonha para as mulheres! Você nunca ouviu falar de feminismo?"[23]. E completa a crítica: "Eu sei que não é culpa dela, ela nem se lembra de seu passado, ou de como ela ficou assim! Mas algum cara doente, provavelmente meu pai, a manipulou para ser sua ideia doentia de mulher perfeita, e isso está me deixando doente. Isso vai contra tudo o que eu defendo!"[24].

Para entender o tom usado por uma autora, no caso, Ann Nocenti, é preciso compreender como os discursos são construídos e divulgados. Na edição de número 272 da revista *Daredevil*, há, em sua primeira página, uma descrição bastante poética, mas nem por isso apologética ou romântica, da personagem Número 9:

> Ela foi criada, como qualquer outra garota... em um mar de mitos. Mitos da Cinderela, mitos da Bela Adormecida, mitos de glamour, mitos de Hollywood. Revistas luxuosas exibindo rostos perfeitos sem fim, dedos bem cuidados, saltos bem torneados e refeições. Lábios pintados demais aparecendo em todos os outdoors, piscando em todas as telas de mídia. A pressão para ser perfeito era esmagadora. Ela não se lembra de ter visto o anúncio, escondido em uma revista obscura, prometendo essa perfeição. Porque uma vez que ela respondeu a esse anúncio, sua vida passada, com suas falhas e imperfeições, passou. Eles a redesenharam... fisicamente, geneticamente, mentalmente. Ela deveria ser a garota perfeita, a esposa perfeita, cozinheira, conversadora, mãe, serva, a decoração perfeita. Mais mitos com falhas insidiosas e bem escondidas[25].

[21] E essa metáfora está explicitada alegoricamente na relação entre Número 9 e Ultron, um vilão robô, que a toma por noiva perfeita, como um monstro de Frankenstein pós-moderno, entre as edições 275 e 276 de Daredevil, em dezembro de 1989 e janeiro de 1990, publicadas no Brasil nas edições 134 e 135 da revista Superaventuras Marvel, em agosto e setembro de 1993.

[22] Publicada no Brasil pela editora Abril na edição de número 126 da revista Superaventuras Marvel em dezembro de 1992.

[23] Tradução direta do trecho: "Because you´re a disgrace to women! Haven´t you ever heard of feminism?". Segundo quadro da página 4 do número 273 de Daredevil.

[24] Tradução própria do trecho: "I know it´s not her fault, she doesn´t even remember her past, or how she got this way! But some sick guy, probably my father, has manipulated her into being his sick idea of the perfect woman, and it´s making me sick. It goes against everything I stand for!". Também página 4 da supracitada edição.

[25] Tradução própria do trecho: "She was reared, like any other girl... in a sea of myths. Cinderell myths, Sleeping Beauty myths, glamour myths, Hollywood myths. Glossy magazines parading endless perfect faces, manicured

A descrição, acompanhada da imagem da Número 9 correndo nua com os esvoaçantes cabelos circundando seu corpo, desenhada pelo artista John Romita Jr, nos permite abordagens de análise de discurso e iconografia que evidenciam a pretensão crítica argumentativa e o padrão de beleza vigente. E que "por ser branca e loira, Nocenti não apenas estereotipa Número 9, mas a torna representante dos ideais americanos de classe média" (HAGAN, 2019, p. 14)[26].

O cenário discursivo das questões de gênero e nos movimentos feministas, em que atuou Ann Nocenti, pode ser descrito como de aceitação e desgaste. No clima político e ideológico da segunda metade dos anos de 1980, o conceito de Pós-Feminismo forja-se como a interpretação de rejeição aos feminismos das duas décadas anteriores (LIMA, 2022, p. 11). Como tantas mulheres que herdaram as conquistas tão recentes das feministas, Ann Nocenti tem os traços de bem-sucedida no mundo empresarial capitalista, correspondendo ao conceito de Pós-Feminismo (BOLOTIN, 1982). Entretanto, a operação narrativa ficcional da autora nos apresenta mais possibilidades críticas do que definições deterministas.

Há um debate vívido sobre questões de gênero, sobre disparidades baseadas nas representações de feminilidades e masculinidades, que atravessam as narrativas. Não é difícil entender a frase que Nocenti transfere para o balão de pensamento do protagonista, o Demolidor: "Apesar de todas as 'boas causas' e visões 'politicamente corretas' de Brandy, de alguma forma a geneticamente alterada Número 9 é a que parece mais honesta e boa"[27]. Aqui, "Nocenti indica que o herói masculino está confuso sobre seu papel nessa amizade com uma mulher forte, onde seus próprios propósitos parecem ser subservientes a duas mulheres que se

fingers, well-turned heels and meals. Over-painted lips pouting out from every billboard, flickering across every media screen. The pressure to be perfect was overwhelming. She doesn´t remember seeing the ad, tucked away in an obscure magazine, promising that perfection. Because once she answered that ad, her past life, with its flaws and imperfections, passed away. They re-designed her… physically, genetically, mentally. She was meant to be the perfect girl, the perfect wife, cook, conversationalist, mother, servant, the perfect decoration. More myths with insidious, well-hidden flaws". Completo na página 2 da supracitada edição.

[26] *Tradução própria do trecho: "by being white and blonde, Nocenti not only stereotypes Nine but makes her representative of middle-class American ideals".*
[27] *Tradução própria do trecho: "For all Brandy´s 'good causes' and 'politically correct' views, somehow the genetically altered Number Nine is the one that seems the more honest and good". Presente no último quadro da página 8 da edição de número 275 da revista Daredevil.*

infiltraram em sua própria história em quadrinhos" (HAGAN, 2019, p. 11)[28]. Há uma consciente absorção por parte de Nocenti dos temas sociais e políticos evidentes nos contextos em que produziu as narrativas ficcionais, enriquecendo seu legado na indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos e fomentando uma oportunidade analítica.

Se há um trânsito representativo e discursivo em Typhoid Mary, no confronto Brandy Ash e Número 9 ele se torna mais estanque e instrumentalmente aprofundado. Os pretendidos modelos fixos dos arquétipos junguianos são desafiados pelas interpretações menos essencialistas da teoria feminista (HAGAN, 2019, p. 5) de que os papéis de gêneros são expressões de estruturas ideológicas, relações culturais, determinações normativas, processos históricos de transformações e/ou manutenções (SCOTT, 1995). As experiências e vivências de Ann Nocenti foram cruciais para construir a natureza de seus discursos e sua imaginação carregada de criticidade.

Conclusão

Uma demônia desafiadora[29], Ann Nocenti confirma a máxima de que "as mulheres aparecem apenas quando perturbam a ordem, o que justamente elas fazem menos do que os homens" (PERROT, 2005, p. 12). Destacou-se pelas experiências com os roteiros, mas tem célebre presença no setor editorial, reconhecidamente dividido com outras mulheres, como Marie Severin e Bobbie Chase. Mas as potencialidades de suas ideias marcadamente progressistas ganharam sobrevida na ficção.

A conexão entre a produção ficcional e a recepção recreativa é importante, fundamentalmente quando permitem criticidade nas representações e discursos. Como disse

[28] *Tradução própria do trecho: "Nocenti indicates that the male hero is confused about his role in this friendship with a strong woman, where his own purposes appear to be subservient to two women who have inveigled their ways into his own comic".*
[29] *Expressão aliterada do nome original do super-herói protagonista, Daredevil, em uma tradução mais direta, "demônio desafiador", mantendo a sonoridade.*

Nocenti em entrevista[30], falando sobre suas críticas à indústria alimentícia de carne ou sobre alcoolismo, o retorno do público através de canais de comunicação com a editora e seus autores com detalhes sobre transformações em suas vidas, deu um sentido à sua escrita. Assim, "Nocenti estava desenvolvendo explicitamente ideias nos quadrinhos que estavam vivas no pensamento acadêmico sociológico da época" (HAGAN, 2019, p. 17)[31], e transcrevendo-as para o debate público.

A temporalidade de sua experiência no mercado de entretenimento das histórias em quadrinhos, fez uma trajetória delineável de discursos de Ann Nocenti. Houve momentos em que a editora manteve uma postura mais conservadora, por exemplo, nas negativas às representações fetichistas do roteirista Chris Claremont, como em sua proposta de vestir o professor Xavier de mulher (em sua fala, travesti) para escapar de perseguidores (HOWE, 2013, p. 303). Mas tal postura ocorreu no início de sua carreira e estava atrelada à responsabilidade de gestão e supervisão enquanto editora. Ann Nocenti, na maior parte do tempo, causou desconfortos, teve retornos de fãs conservadores, sofreu impedimentos de publicações de narrativas[32], dentre outros eventos em sua carreira que são efeitos de seus engajamentos e seus discursos politizados.

As produções discursivas e representativas de Nocenti nos sintomatizam os humores das teorias feministas e sua própria historicidade. É mais que possível absorver crítica às determinações funcionalistas das disparidades de gênero que ocorreram durante a Segunda Onda e seus efeitos reverberaram nos produtos de entretenimento e cultura (HAGAN, 2019, p. 4), mas, talvez com suave discordância[33] ao professor doutor Robert Hagan, mesmo cuidadoso

---

[30] Na entrevista ao site Man Without Fear, de outubro de 1998, que pode ser acessada em: https://www.manwithoutfear.com/interviews/ddINTERVIEW.shtml?id=Nocenti#google_vignette.

[31] Tradução própria do trecho: "Nocenti was explicitly developing ideas in the comic which were live in sociological academic thought at the time".

[32] Que ela relata na entrevista cedida para o site Man Without Fear, já comentado em outras notas.

[33] Bastante suave, diga-se, principalmente pela compreensão do mesmo de que a autora abordada transitou no que chamou de "anos crepusculares" (HAGAN, 2019, p. 17) da chamada Segunda Onda, mas que, eis o ponto de diferença, não seguiu para uma "Terceira Onda", mas, sim, para os efeitos inebriantes do Pós-Feminismo em latência.

em assumir os perigos de que "toda a história das mulheres foi feita pelos homens" (PERROT, 2005, p. 14), buscando não repetir interpretações deformadas de privilégios de gênero. O que ocorre nas representações de Nocenti já são também efeitos dos processos de abatimento do frescor do Feminismo de Segunda Onda, o chamado Pós-Feminismo.

A proposta de mapeamento de personalidades femininas da indústria *mainstream* de histórias em quadrinhos amplifica possibilidades analíticas. Podemos tratar teórico-metodologicamente de conceitos como Representação e Análise do Discurso através das produções de histórias em quadrinhos, contextualizando os debates públicos sobre História Política. Através do processo de visibilidade biográfica e de produção intelectual, também se enriquece o campo da História das Mulheres e as instrumentalizações dos Estudos de Gênero. A contribuição de Ann Nocenti neste cenário, na amplitude de temas, fontes e objetos de uma historiografia em contínua progressão é significativa.

Referências

AUAD, Daniela. *Feminismo – Que História é Essa?*. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2003.

BREVOORT, Tom (et al). *Marvel Chronicle: A Year by Year History*. Editora DK Publishing, Londres, Nova York, 2008.

DOUGALL, Alaistair. *The Marvel Comics Encyclopedia – The Definitive Guide to the Characters of the Marvel Universe*. Editora DK Publishing, Londres, Nova York, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos Quadrinhos*. L&PM, Porto Alegre, 2011.

HAGAN, Robert J., (2019) "Touch Me/Don't Touch Me: Representations of Female Archetypes in Ann Nocenti's Daredevil". *In*: *The Comics Grid: Journal of Comics Scholarship* (1), volume 9, 2019. Disponível em: doi: https://doi.org/10.16995/cg.148.

HOOKS, bell. *O Feminismo é para Todo Mundo – Políticas Arrebatadoras*. Tradução de Bhuri Libânio. 8ª edição. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2019.

JOHNSTON, Keith M. *Science Fiction Film: A Critical Introduction*. Editora Berg, Oxford-Nova York, 2013.

LEVILLAIN, Philippe. "Os Protagonistas das Biografias". *In*: REMOND, Remi. *Por Uma História Política*. Editora PUC –Contraponto, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Savio Queiroz. "Mulher-Hulk – De Raivosa Monstra à Bem Humorada Advogada: Pós-Feminismo nos Quadrinhos dos anos de 1980". *In*: *IdeAs – Idées d'Amériques*, n 19, 2022b. Disponível em: http://journals.openedition.org/ideas/12389.

LIMA, Savio Queiroz. "Mulheres nos Refrigeradores: Protagonismo de Gail Simone no Mainstream de Histórias em Quadrinhos Estadunidenses". *In*: *Revista Anômalas*, Catalão – GO, volume 3, número 2, pp. 52-66, jul./dez. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/ra/article/download/74591/39143/355646.

NICHOLSON, Linda. "Interpretando o Gênero". *In*: *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917.

PERROT, Michelle. *As Mulheres ou Os Silêncios da História*. Editora Edusc, Bauru, 2005.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. "Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?". *In*: *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. REDOR, Neim-UFBA, 2002. Disponível em: http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismocienciencia.pdf.

SCOTT, Joan Scott. "Prefácio a Gender and Politics of History". *In*: *Caderno Pagu* (3) – Núcleo de Estudos de Gênero, São Paulo, 1994. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1723/1707.

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica". Tradução: Guacira Lopes Louro. *In*: *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em Comum: Para Todas, Todes e Todos*. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2018.

TILLY, Louise. "Gênero, História das Mulheres e História Social". *In*: *Cadernos Pagu* (3), Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, São Paulo, 1994. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1723/1707.

VARIKAS, Eleni. "Gênero, Experiência e Subjetividade: A Propósito do Desacordo Tilly-Scott". *In*: *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 63-84. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1723/1707.

TUCKER, Reed. *Pancadaria: Por Dentro do Épico Conflito Marvel vs DC*. Editora Fábrica 3 2 1, Rio de Janeiro, 2018.

WOLK, Douglas. *Todas as Aventuras Marvel*. 1ª edição. Traduzido por André Gordirro. Editora Conrad, São Paulo, 2023.

Submetido em: 15/03/2025

Aceito em: 09/06/2025